

## **AO CORRER DOS OLHOS E AO RÉ-DO-CHÃO: A CRÔNICA FOLHETINESCA DE JOSÉ DE ALENCAR**

Daniel Prestes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** José de Alencar (1829-1877) consagrou-se como romancista, muito embora tenha significativa produção literária no campo do teatro e da crônica. Este trabalho debruça-se sobre algumas de suas crônicas, publicadas na coluna *Ao Correr da Pena*, do jornal fluminense *Correio Mercantil*, nos anos de 1854 e 1855, a fim de discutir o papel da crônica naquele momento histórico e a estreita relação entre o jornalismo e a prosa de ficção, que parece ter sido muito comum neste período, além de considerar os possíveis motivos que levaram esse gênero a ser desvalorizado pelas histórias literárias.

**Palavras-chave:** folhetim; crônicas; José de Alencar.

### **On running the eyes and on the ground floor: the feuilletonistic chronicles by José de Alencar**

**Abstract:** José de Alencar (1829-1877) acclaimed as a novelist, although he had a significant literary production in the field of theater and chronicle. This paper focuses on some of his chronicles published in the column *Ao Correr Pena* on fluminense newspaper *Correio Mercantil*, during the years 1854 and 1855, to discuss the role of chronicle in that historical moment and the close relationship between journalism and fiction, which seems to have been very common in that period, beyond considering the possible reasons this genre to be devalued by literary histories.

**Keywords:** feuilleton; chronicle; José de Alencar.

A Crônica <sup>é</sup> filha do jornal e da era da máquina+ (CÂNDIDO, 1992, p. 14), nasceu nos jornais franceses no começo do século XIX, quando esses passaram a ter uma periodicidade menor. Com a intenção de alavancar suas vendas, Émile Girardin criou um espaço denominado *le feuilleton*, que nada mais era que o *rez-de-chaussée* da primeira página (principalmente) dos jornais e periódicos. Além das crônicas, entendidas como comentários da vida social, esse espaço também era utilizado para a publicação de outros gêneros de <sup>car</sup>áter ameno+ ou voltados ao entretenimento, tais como: piadas, charadas, críticas de livro e teatro, ou seja, uma espécie de <sup>po</sup>ut-pourri de assuntos+(MEYER, 1992, p. 97).

<sup>1</sup> UFPA- prestes.dan@gmail.com

Com o passar do tempo, esse espaço se especializou e passou a abrigar romances publicados aos pedaços, motivo pelo qual estes últimos passaram a ser denominados *romances-folhetins*, ou seja, romances publicados no espaço do jornal chamado *folhetim*. Com o sucesso da fórmula, criada para atrair leitores, os romances foram ganhando exclusividade nesse espaço e *les variétés*, denominação utilizada para todos os outros gêneros que por lá apareciam, migraram para a parte interna do jornal ou mesmo tornaram-se revistas semanais.

Essa tendência jornalística francesa ganhou a Europa e logo embarcou nos paquetes rumo ao Novo Mundo, tornando-se uma verdadeira obrigatoriedade nos jornais brasileiros:

Na metade do século passado . escreve Omar Montenegro . e nos primeiros anos do corrente, o folhetim se torna uma tradição de nossa imprensa. [...] raro é o jornal, aqui, que não possua o seu folhetim em dia e paginado sempre no mesmo local da folha, sob um título geral que rapidamente se populariza [...]. (MENEZES, 1977, p. 70)

Montenegro observa, ainda, de acordo com Menezes, que o folhetim é um gênero de comentário literário-jornalístico (idem). Nesse caso, ele se refere especificamente à crônica que, no século XIX, tinha por objetivo noticiar os acontecimentos da sociedade e as opiniões dos folhetinistas acerca deles, bem como entreter o seu público leitor, que ia desde os senhores de negócios preocupados com assuntos políticos, de mercado ou outros de igual gravidade até as *mademoiselles* que ansiavam saber das *fofocas* do último baile.

É sobre esses e outros assuntos que a série de folhetins assinados por José de Alencar (1829-1877) no jornal *Correio Mercantil* irá tratar, no período compreendido entre 1854 e 1855, sob o título geral de *Ao Correr da Pena* na *revista* semanal Páginas Menores, rodapé da primeira página, aos domingos (MENEZES, 1977, pp. 69-70).

A indicação de Alencar para o cargo de folhetinista, por meio da recomendação de seu amigo Francisco Otaviano, que deixara esse posto para cuidar de assuntos políticos do jornal, ocorre antes de seu reconhecimento como escritor pelo público e, mesmo quando isso acontece, em grande parte devido aos textos escritos para periódicos que lhe asseguraram respeitabilidade literária e intelectual (FARIA, 2004, orelha de capa), ele ainda teve que procurar outros meios de sustentar-se, o que se deu por meio de cargos públicos, por não ser possível

sobreviver da pena (AUGUSTI, 2007). Mesmo Machado de Assis passou por isso e, ainda em 1915, Lima Barreto (*apud* ANGELIM, 2008, pp. 25-6), em crônica publicada no *Correio da Noite*, desabafa sobre a dificuldade de se manter única e exclusivamente da pena.

Em folhetim de 24 de setembro de 1854, o próprio Alencar discute seu trabalho como folhetinista, bem como as características que seus textos deviam possuir para adequar-se aos padrões do folhetim naquela época. Sintonizado com o seu tempo e com as exigências do leitor, observa que necessitava tratar dos mais variados assuntos sem se tornar enfadonho, cuidando, no entanto, para não transformar assuntos sérios em tolices:

Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer às misérias e às chagas da sociedade; e isto com a mesma graça e a mesma *nonchalance* com que uma senhora volta as páginas douradas de seu *álbum*, com toda a finura e delicadeza com que uma mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho!

Ainda isto não é tudo. Depois que o mísero folhetinista por força de vontade conseguiu atingir a este último esforço de volubilidade, quanto a custa de magia e de encanto fez que a pena se lembrasse dos tempos em que voava, deixa finalmente o pensamento lançar-se sobre o papel, livre como o espaço. (ALENCAR, 2004, pp. 25-6)

Ainda neste folhetim, Alencar observa que deve esforçar-se para que todos os seus leitores sejam contemplados em suas expectativas: ao senhor deve falar sobre as reformas políticas; às mocinhas, sobre os bailes; às senhoras, sobre as missas e as novenas. Toda essa variedade de assuntos dos quais ele havia de dar conta em seus folhetins, leva-o a crer que o trabalho é impossível e que as Academias, tanto Francesa como a Portuguesa, deviam instituir um modelo a ser seguido+(idem), para que, assim, o ofício se tornasse menos espinhoso para aquele que a este se dedicava.

As características do folhetim elencadas por Alencar, quais sejam, a de informar e comentar, estão em consonância com aquelas a que se referia Montenegro. No entanto, Alencar soma a essas últimas uma dimensão que podemos chamar *literária*+, relativa à linguagem utilizada pelo autor, a fim de que seu texto não se torne enfadonho e, portanto, possua graça, finura e delicadeza. Para expressar tais características, ele usa metáforas e recursos imagéticos, como

na passagem: %Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho!+(*ibidem*).

Essas considerações feitas por Alencar não lhe eram exclusivas, Machado de Assis também concebia o folhetim como um *mix* de assuntos, tanto sérios como de ordem menor, escritos em uma linguagem mais próxima do leitor, sem prejuízo de seus aspectos literários; expressos no uso de metáforas, comparações, antíteses e recursos imagéticos.

O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal (MACHADO DE ASSIS, 1994).<sup>2</sup>

Tanto Alencar quanto Machado de Assis procuraram definir a natureza do folhetim e suas finalidades. Cabe observar que, a despeito da distância temporal que separa os textos de ambos . o primeiro foi publicado em 1854 e o segundo em 1859 . pode-se verificar que não há discordância na essência. Ou seja, tanto um como outro autor concebe o gênero como: objetos antagônicos, de informação e linguagem literária, que convivem em um mesmo local, o espaço folhetim.

Informar e comentar empregando uma linguagem literária evidencia uma particularidade da imprensa jornalística do século XIX, tanto europeia como brasileira, que empregavam em suas fileiras escritores, poetas e dramaturgos. Não sem razão, em *A Influência da Literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica como jornalismo literário*, Arnt (2001) enfatiza essa fusão entre o jornalista e o literato como característicos desse momento histórico. Assim, considera-se que os textos de Alencar, publicados na coluna *Ao Correr da Pena*, confirmam as considerações de Arnt, já que possuem a particularidade de serem informativos com linguagem literária.

Contudo, no século XIX, o gênero ainda era muito recente, de forma que não possuía preceptivas a serem obedecidas, como os já canonizados gêneros literários<sup>3</sup>. Por essa razão, o próprio folhetim tornava-se espaço por excelência por

<sup>2</sup> Sem indicação de página por se tratar de um texto disponibilizado na *internet*, no portal do MEC.

<sup>3</sup> Aqui, refere-se aos gêneros propostos por Aristóteles em sua *A arte poética*: o dramático, o lírico e o épico. A divisão de gêneros proposta por Aristóteles é aqui tomada como base, pois era essa concepção de gêneros conhecida no período em que os textos foram produzidos. Também nesse período não havia a distinção entre gêneros literários e gêneros textuais, logo, não cabe tratar sobre

parte de seus autores, como é o caso do próprio Alencar, que discutia como fazê-lo em sua coluna semanal. Ainda que considerasse o folhetim<sup>4</sup> impossível de realizar, observava que o escritor dedicado a ele cuida que é uma borboleta que quebrou a crisálida para ostentar o brilho fascinador de suas cores; mas engana-se; é apenas uma formiga que criou asas para perder-se (ALENCAR, 2004, p. 26).

## 1. AS CRÔNICAS DE JOSÉ DE ALENCAR

Analisando os folhetins de Alencar, percebe-se que o gênero possuía uma significativa volatilidade quanto aos aspectos formais. Exemplo disso é o folhetim *Fatis agimur, credite fati*, publicado em 1º de outubro de 1854. No folhetim em questão, endereçado ao redator do jornal *Correio Mercantil*, Alencar começa a escusar-se por não ter escrito a coluna da semana e, para isso, oferece mil desculpas ao leitor, que nada mais são do que as narrativas sobre os acontecimentos em sociedade, que teriam sido tão interessantes a ponto de o desviarem do trabalho que tinha a realizar. Por fim, solicita ao redator do jornal que publique a epístola como se fosse o folhetim, alegando, ainda, que o leitor irá lê-la apenas como um modo bem original utilizado pelo autor para compor a coluna da semana.

O uso da imaginação, a fantasia, a fuga de uma realidade supostamente sem graça e enfadonha têm seu espaço garantido nas crônicas de Alencar, como se percebe no excerto do folhetim de 03 de setembro de 1854:

Um belo dia, não sei de que ano, uma linda fada, que chamareis como quiserdes, a poesia ou a imaginação, tomou-se de amores por um homem de talento, um tanto volúvel como de ordinário o são as fantasias ricas e brilhantes que se deleitam admirando o belo em todas as formas. Ora, dizem que as fadas não podem sofrer a inconstância, no que lhes acho toda a razão; e por isso a fada de meu conto, temendo a rivalidade dos anjinhos cá deste mundo, onde os há tão belos, tomou as formas de uma pena, pena de cisne, linda como os amores, e entregou-se ao seu amante de corpo e alma.

[...] Assim se passou muito tempo; mas já não há mais amores que durem para sempre, principalmente em dias como os nossos, nos quais o símbolo de

---

essas questões nesse texto, mesmo porque, como o intuito desse trabalho é questionar a não inclusão das crônicas de Alencar nas Histórias Literárias, estamos considerando que esses textos são literários.

<sup>4</sup> Folhetim, aqui, é utilizado como sinônimo de crônica, por Alencar, relacionando o que ele escreve e da maneira que escreve diretamente ao espaço onde seus textos são publicados. Sendo assim, por questões de coerência com o autor trabalhado neste artigo, também utilizaremos a sinonímia estabelecida por ele.

constância é uma borboleta. Acabou o poema fantástico no fim de dois anos; e um dia o herói do meu conto, chamado a estudos mais graves, lembrou-se de um amigo obscuro, e deu-lhe sua pena de ouro.

[...] Com efeito, a fada tinha sofrido uma mudança completa: quando a lançavam sobre a mesa, só fazia correr. [...] Já não tinha flores nem perfumes e nem centelhas de ouro e de poesia: eram letras, e unicamente letras, que nem sequer tinham o mérito de ser de praça, o que serviria de consolo ao espírito mais prosaico. [...] convenceu-se que, a escrever alguma coisa com aquela fada que o aborrecia, não podia ser de outra maneira senão . *Ao correr da pena.* (ALENCAR, 2004, pp. 06-08)

Usando elementos maravilhosos, como a figura da fada e a linguagem literária romântica, Alencar transforma a sua ida para o *Correio Mercantil* em um conto de fadas. O excerto acima também serve como explanação do autor para o nome adotado em sua coluna, no referido periódico, além de trazer marcada a ideia de que ele escreve apenas por não poder exercer outra função, já que se refere à fada como um ser que o deixa aborrecido.

Pode-se considerar, assim como o fez João Roberto Faria (2004, p. XXIII), que os folhetins alencarianos, com estes traços literários fortemente marcados, serviram-lhe de ensaio para os futuros romances que escreveu, que só o futuro autor de *A Pata da Gazela* poderia ter escrito o folhetim de 03 de novembro de 1854 [que vem sob o título *Máquinas de coser*], com descrições maliciosas de pezinhos mimosos+(idem):

Um pezinho o mais mimoso do mundo, um pezinho de *Cendrillon*, como conheço alguns, basta para fazer mover sem esforço todo este delicado maquinismo.

E digam-me ainda que as máquinas despoetizam a arte! Até agora, se tínhamos a ventura de ser admitidos no santuário de algum gabinete de moça, e de passarmos algumas horas a conversar e a vê-la coser, só podíamos gozar dos graciosos movimentos das mãos; porém não se nos concedia o supremo prazer de entrever sob a orla do vestido um pezinho encantador, calçado por alguma botinazinha azul; um pezinho de mulher bonita, que é tudo o que há de mais poético neste mundo.

Enquanto este pezinho travesso, que imaginareis, como eu, pertencer a quem melhor vos aprouver, faz mover rapidamente a máquina, as duas mãozinhas, não menos ligeiras, fazem passar pela agulha uma ourela de seda ou de cambraia, ao longo da qual vai-se estendendo com incrível velocidade uma linha de pontos, que acaba por um ponto de admiração (!). (ALENCAR, 2004, pp. 78-9)

Muito embora cheias de um lirismo romântico inegável, as crônicas de Alencar não tinham por único objetivo evidenciar a veia romântica do autor, também serviam para informar sobre o que se passava na sociedade, essas duas características textuais deviam andar juntas, tanto que, ao escrever a crônica sobre



o último e famoso sermão do orador cego frei Francisco de Monte Alverne, naquele memorável 19 de outubro de 1854, na capela imperial+ (MENEZES, 1977, p. 70) publicada em 22 de outubro de 1854 sob o título *Um sermão de Monte Alverne*, Alencar nos dá um bom exemplo de conformidade estilística, em que se informa por meio de linguagem literária.

Monte Alverne havia sido um eloquente orador da Capela Imperial, até ser acometido por uma cegueira, tendo, desde o ocorrido, recolhido-se no claustro do convento de Santo Antônio. Após vinte anos de reclusão, o então Imperador Dom Pedro II lhe pediu que fizesse o sermão no dia de São Pedro de Alcântara, sendo este o assunto narrado na referida crônica, a qual é transcrita, em parte, abaixo:

Chegou o momento. Todos os olhos fixos, todos os espíritos atentos. No vão escuro da estreita arcada do público assomou um vulto. É um velho cego, quebrado pelos anos, vergado pela idade. Nessa bela cabeça quase calva e encanecida pousa-lhe o espírito da religião sob a tríplice auréola da inteligência e da velhice e da desgraça. O rosto pálido e emagrecido cobre-se desse vago, dessa oscilação do homem que caminha nas trevas. Entre mangas do burel de seu hábito de franciscano cruzam-se os braços nus e descarnados. Ajoelhou. Curvou a cabeça sobre a borda do púlpito, e, revolvendo as cinzas de um longo passado, murmurou uma oração, um mistério entre ele e Deus. [...] O velho ergueu a cabeça; alçou o porte; a sua fisionomia animou-se. O braço descarnado abriu um gesto incisivo; os lábios, quebrantando o silêncio de vinte anos, lançaram aquela palavra sonora, que encheu o recinto, e que foi acordar os ecos adormecidos de outros tempos. Fr. Francisco Monte Alverne pregava! Já não era um velho cego, que a desgraça e a religião mandavam respeitar. Era o orador brilhante, o pregador sagrado, que impunha a admiração com sua eloquência viva e animada cheia de grandes pensamentos e de imagens soberbas. Desde este momento o que foi aquele rasgo de eloquência, não é possível exprimi-lo, nem sei dizê-lo. A entonação grave de sua voz, a expressão nobre do gesto enérgico a copiar a sua frase eloquente, arrebatava; e, levado pela força e veemência daquela palavra vigorosa, o espírito transpondo a distância e o tempo, julgava-se nos desertos de Said e da Tebaida, entre os rochedos alcantilados e as vastas sáfaras de areia, presenciando todas as autoridades da solidão. (ALENCAR, 2004, pp. 57-9)

Neste excerto, extraído da crônica acerca da pregação de Monte Alverne, percebe-se como Alencar torna, por meio de sua narrativa, magnânimo o acontecimento. Após descrever a entrada no púlpito do Frei atingido pela idade e pela cegueira, capazes de causar pena ao leitor, efetua uma espécie de inversão (*peripetia*) na narrativa, salientando, desta feita, as qualidades oratórias de Monte Alverne, capazes de produzir impressão inversa à primeira no público leitor. Assim, a descrição primeira de um personagem abatido é substituída pelas impressões

causadas pela pregação do Frei no espírito de Alencar. Ao invés de transcrever em parte ou na totalidade as palavras do pregador, o romancista apresenta imagens dramáticas acerca da eloquência de Alverne, provavelmente com a intenção de produzir os mesmos efeitos no leitor.

No entanto, as crônicas de Alencar não se alimentavam somente de personagens importantes da vida fluminense, tematizavam também práticas culturais cotidianas ou eventuais, algumas das quais, inclusive, viriam a se tornar representativas da *brasileiridade*, como é o caso do carnaval. No folhetim *As sociedades em comandita*, publicado em 14 de janeiro de 1855, assim como no folhetim de 25 de fevereiro do mesmo ano, Alencar trazia à baila uma importante transformação que vinha ocorrendo no cenário cultural do Rio de Janeiro daquela época: a substituição do entrudo pelo carnaval. Assim, noticia a agonia da prática portuguesa do entrudo, cujos limões cheirosos atirados sobre os passantes tornavam-se cada vez mais condenados pelas elites e anunciava, com satisfação, o surgimento das associações carnavalescas:

Creio que são inteiramente infundados alguns receios que há de vermos reviver ainda este ano o jogo grosseiro e indecente de entrudo, que por muito tempo fez as delícias de certa gente. Além das boas disposições do público desta corte, devemos contar que a polícia desenvolverá toda a vigilância e atividade.

[...] Muitas coisas se preparam este ano para os três dias de carnaval. Uma sociedade criada o ano passado, e que conta já perto com oitenta sócios, todos pessoas de boa companhia, deve fazer no domingo a sua *grande promenade* pelas ruas da cidade.

A riqueza e o luxo dos trajes, uma banda de música, as flores, o aspecto original desses grupos alegres, hão de tornar interessante esse passeio de máscaras, o primeiro que se realizará nesta corte com toda a ordem e regularidade.

Quando se concluir a obra da Rua do Cano, poderemos então imitar, ainda mesmo de longe, as belas tardes do *Corso* em Roma. (ALENCAR, 2004, pp. 188-199)

No folhetim de 14 de janeiro, Alencar demonstra o seu entusiasmo com o Carnaval na corte, bem como a sua concordância com as políticas que tinham por intenção extinguir o entrudo, tradição portuguesa como explica o autor em sua crônica. Do ponto de vista de Alencar, o entrudo era algo *%grosseiro e indecente+*, que merecia ser reprimido, mesmo que pela força policial. Em contrapartida, saudava animadamente a *%civilização+* dos costumes anunciada pelos clubes carnavalescos, com suas fantasias luxuosas e bandas de música. Prevvia, assim, que



em breve o carnaval da capital do império poderia imitar, ainda que palidamente, as comemorações europeias, como o Corso, em Roma.

Esse folhetim pode levar a considerações relativas à formação da identidade nacional, preocupação constante entre as elites letradas naquele período, uma vez que evidencia o repúdio de uma tradição portuguesa e o entusiasmo pela instauração de outra, ainda que inspirada em algo que já se fazia em Roma.

O assunto Carnaval é retomado no folhetim de 25 de fevereiro, no qual o escritor narra como se deram as festividades carnavalescas que, mesmo tendo sido de excelente qualidade, considera Alencar, ainda poderiam ser melhoradas. Este folhetim também assinala a morte definitiva do entrudo e a fixação de uma nova tradição, o carnaval:

Entre todos os festejos que tiveram lugar este ano cabe o primeiro lugar à sociedade *Congresso das Sumidades Carnavalescas*, que desempenhou perfeitamente o seu programa, e excedeu mesmo a expectativa geral.

No domingo fez esta sociedade o seu projetado passeio pelas ruas da cidade com a melhor ordem; foi geralmente recebida, nos lugares por onde passou, com flores e buquês lançados pelas mãozinhas mimosas das nossas patrícias, que se debruçavam graciosamente nas janelas para descobrirem entre a máscara um rosto conhecido, ou para ouvirem algum dito espirituoso atirado de passagem.

Todos os máscaras trajavam com riqueza e elegância. Alguns excitavam a atenção pela originalidade do *costume*; outros pela graça e pelo bom gosto do vestuário.

[...] Como foi este o primeiro ensaio da sociedade, de propósito evitamos fazer antes algumas observações a respeito do seu programa, com receio de ocasionar, ainda que involuntariamente, dificuldades e embaraços à realização de suas ideias. Hoje, porém, essas reflexões são necessárias, a fim de que não se deem para o futuro os inconvenientes que houve este ano.

O entrudo está completamente extinto; e o gosto pelos passeios de máscaras tomou este ano um grande desenvolvimento. Além do *Congresso*, muitos outros grupos interessantes percorreram diversas ruas e reuniram-se no Passeio Público, que durante os três dias esteve literalmente apinhado.

Entretanto, como os grupos seguiam diversas direções, não foi possível gozar-se bem do divertimento; não se sabia mesmo qual seria o lugar, as ruas, donde melhor se poderia apreciá-lo.

A fim de evitar esse dissabor, a polícia deve no ano seguinte designar com antecipação o círculo que podem percorrer os máscaras, escolhendo de preferência as ruas mais largas e espaçosas, e fazendo-as preparar convenientemente para facilidade do trânsito.

Desta maneira toda a população concorrerá para aqueles pontos determinados; as famílias procurarão casa do seu conhecimento; os leões arruarão pelos passeios; e o divertimento, concentrando-se, tomará mais cor e animação. (ALENCAR, 2004, pp. 224-9)

Alencar vislumbra inúmeras vantagens do carnaval, se comparado ao entrudo. Ao invés da situação de %desordem+ deste último, a ordem do primeiro: sociedades carnavalescas organizadas passeando pela cidade em seus carros e sendo recebidas com flores pelas %mãos mimosas das patricias+ debruçadas nas janelas; em lugar de banhos de água atirados pelos passantes uns nos outros, rostos e corpos cobertos por máscaras e trajes ricos. Ainda que não o mencione explicitamente, a descrição da festa feita por Alencar faz crer que, ao contrário do que ocorria no entrudo, em que todos participavam ativamente, a participação nas sociedades carnavalescas se restringia às pessoas mais abastadas, que podiam trajar-se com %riqueza e elegância+. Aos outros restava, pois, ocupar com a posição de *voyeur*, observando os demais. Mesmo que satisfeito com a festa, não resta dúvida de que o romancista esperava para a próxima ainda maior organização, com policiais determinando as ruas pelas quais deviam passar os blocos, de modo a apreciá-la melhor.

Mas nem só de carnaval viviam os folhetins de Alencar. O amplo leque de temas que tratava o romancista é visível no folhetim de 21 de janeiro de 1855, denominado *Ecos do passado*. Nele, o autor critica veementemente as transações mercantis de natureza especulativa, pois acredita que, ao invés de contribuírem para o engrandecimento das finanças da corte, acabam por prejudicá-las.

Ide à Praça. Vereis que agitação, que atividade espantosa preside às transações mercantis, às operações de crédito, e, sobretudo, às negociações sobre os fundos de diversas empresas. Todo mundo quer ações de companhias; quem as tem vende-as, quem não as tem compra-as. As cotações variam a cada momento, e sempre apresentando uma nova alta no preço.

Este espírito da empresa e esta atividade comercial prometem, sem dúvida alguma, grandes resultados para o país; porém é necessário que o governo saiba dirigi-lo e aplicá-lo convenientemente; do contrário, em vez de benefícios, teremos de sofrer males incalculáveis.

[...] Repetimos. O governo deve examinar escrupulosamente este objeto; e não só abster-se de conceder incorporações de companhias privilegiadas desta natureza, como desautorizar, na forma de Código Comercial, a existência daquelas que não tiverem cumprido as condições da sua organização.

É porque desejamos unicamente o bem do país que tememos esses desvios no espírito de empresa que se está desenvolvendo tão poderosamente no Império, e sobretudo na praça do Rio de Janeiro. (ALENCAR, 2004, pp. 208-10)

Neste folhetim, podem-se perceber, ainda, indícios dos princípios conservadores de Alencar, quando este defende a intervenção e o controle do Governo nas transações comerciais que se dão na Praça, além de se verificar a sua

formação em leis, quando fala na criação de um Código Comercial que possa regular tais atividades financeiras.

Também é perceptível, neste e no excerto anterior do folhetim do dia 25 de fevereiro, que o escritor tinha liberdade suficiente para dar sugestões tanto sobre a polícia quanto sobre a forma como o governo deveria proceder em assuntos cotidianos, a fim de que a organização social se desse da forma mais harmoniosa possível, conforme seu ponto de vista.

Contudo, nem sempre o folhetinista utilizava de uma linguagem tão polida, como vimos nos excertos anteriores, acabando por disparar críticas mordazes e ácidas ao poder público e aos costumes da população, como se vê no folhetim intitulado *O Passeio Público*, de 29 de outubro de 1854:

Contudo parece-me que o estado vergonhoso do nosso Passeio Público não é unicamente devido à falta de zelo da parte do governo, mas também aos nossos usos e costumes, e especialmente a uns certos hábitos caseiros e preguiçosos, que têm a força de fechar-nos em casa dia e noite.

Nós que macaqueamos dos franceses tudo o quanto eles têm de mau, de ridículo e de grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para transformarmo-nos em bonecos e bonecas parisienses, ainda não nos lembramos de imitar uma das melhores coisas que eles têm, uma coisa que eles inventaram, que lhes é peculiar; e que não existe em nenhum outro país a menos que não seja uma pálida imitação: a *flânerie*. (ALENCAR, 2004, pp. 65-6)

O excerto também evidencia, novamente, como os Europeus, com exceção dos portugueses, serviam de parâmetro para a conformação da sociedade brasileira do século XIX, principalmente pelos que queriam e tinham como objetivo formar a identidade nacional e construir a imagem de nação civilizada aos olhos do resto do mundo.

Analisando os folhetins de Alencar, dos quais apresentamos alguns excertos, percebe-se que, ao tratar de assuntos menos politizados, o autor deixava-se tomar pelo lirismo, enquanto que, ao tematizar questões econômicas e políticas, o lirismo dava lugar à utilização de uma linguagem objetiva e perspicaz, chegando mesmo a ser incisivo, conforme assinala Faria em seu artigo *Alencar: a semana em revista* (1992, p. 311).

## 2. AS CRÔNICAS FOLHETINESCAS DE ALENCAR E A HISTÓRIA LITERÁRIA DE CÂNDIDO

Se os folhetins alencarianos são, então, um baú repleto de recursos estilístico-literários a fim de serem estudados e analisados, por que, então, não são inseridos nas histórias literárias? Por que se conhece apenas a face romancista de José de Alencar em detrimento de outras faces, como a de jornalista/cronista?

É possível levantar algumas hipóteses explicativas para a exclusão desse gênero no interior das Histórias Literárias, uma delas é inclusive sugerida pelo próprio Alencar, que em folhetim publicado no dia 03 de setembro de 1854 (ALENCAR, 2004, p. 5) afirma estar convencido *%de que os escritos ao correr da pena são para serem lidos ao correr dos olhos+* Ao afirmá-lo, o autor explicita sua crença no caráter efêmero dos acontecimentos da semana que servem de conteúdo para os textos que produz. Não se pode perder de vista o suporte material no qual as crônicas eram veiculadas: o jornal. O fato de estar geralmente fadado ao abandono após a leitura, marca de sua efemeridade, parecia, aos olhos de Alencar, desmerecer em importância os próprios textos que nele eram veiculados. Impressão semelhante tinha Antônio Cândido (1992) acerca da crônica:

Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. [...] a sua perspectiva [...] é a [...] do simples rés-do-chão. (p. 14)

Diferentemente dos romances-folhetins, que após a publicação em jornal podiam, por vezes, ganhar o formato livro. As crônicas se limitavam a ser publicadas somente em periódicos, fossem eles jornais diários ou revistas hebdomadárias, o que produzia a crença de que se tratava de um *gênero menor* (CÂNDIDO, 1992, p. 13), tanto por quem as escrevia, como se viu acima no exemplo de Alencar, quanto para o público em geral. Assim, é provável que o fato de ser veiculada nesse suporte material e não obedecer a uma preceptiva tenha dificultado sua inserção nas Histórias Literárias, formas editoriais elevadas, destinadas a constituir o cânone e ao uso escolar.

Deve-se considerar, também, que o historiador da literatura, obrigado a efetuar seleções de alguns gêneros obras e autores, o faz tendo em vista determinados critérios, conforme suas concepções, de acordo com o momento histórico no qual está inserido. Sendo assim, toda história literária consiste em apenas uma pequena mostra de um vasto universo de produções literárias (ROANI, 2008, p. 67).

Entretanto, o fato de toda história literária ser um recorte não explica satisfatoriamente a exclusão das crônicas de Alencar do cânone. A nosso ver, essa exclusão está diretamente associada ao primeiro motivo aqui elencado, o do suporte material em que era veiculada, bem como ao fato de se tratar de um gênero sem normas de composição, como foi o caso do romance, no século XIX.

Isso sim pode explicar o porquê de José de Alencar ser mencionado apenas em sua vertente romancista e de, entre seus romances, apenas alguns serem elevados à condição de excelência em favor de outros por Cândido (1997), por exemplo. No momento em que ele escreve a sua História Literária, já se encontra muito distante do momento em que todo aquele material havia sido produzido. Já se tinha experimentado a produção de Machado de Assis e dos realistas/naturalistas, do simbolismo, e vivia-se o modernismo, sua concepção do que é ou não é bom está solidificado em bases muito diferentes das que os contemporâneos de Alencar, e o próprio, consideravam como textos bem escritos no que se refere, principalmente, à escolha dos temas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluir este ensaio, pode-se verificar que Alencar estava tão certo quanto Machado de Assis ao definir o folhetinista como um colibri, que retratava o cotidiano da sociedade e que este possuía uma atividade assaz ingrata por ser obrigado a dar conta de inúmeros assuntos de diversas esferas em um mesmo texto. Também percebe-se o quão intrínseca era à atividade de literato e jornalista que se dá através do imbricamento das linguagens utilizadas, por vezes objetiva e, em outras, subjetiva, para compor o mesmo texto, a sua função sócio-comunicativa, o suporte no qual o gênero era publicado e os autores, todos sempre escritores de romances, a citar: Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e Raul Pompeia.

Ainda ficou evidenciada o quão rica em conteúdo, tanto jornalístico como literário, é a crônica folhetinesca do Brasil do século XIX, na figura de José de Alencar, que, na visão de Faria (1992), <sup>ap</sup> apesar de leves e despretensiosos, não [...] parecem desprovidos de alguma importância+(p. 312), haja vista que, como um bom colibri que foi, ele ziguezagueou, com precisão e graça, entre as mais variadas

formas e tipos de flores do Brasil Imperial, tornando seus escritos fonte de estudo para os mais diversos campos que trabalham com a linguagem.

Além de ficar claros alguns dos motivos que levaram os folhetins de Alencar a não terem sido reconhecidos pela história literária, tomando como exemplo a compilada por Cândido, como um gênero que merece respeito e ser elevado à categoria de cânone, tal qual aconteceu com os romances deste autor que, assim como aqueles outros textos por ele escritos, também tiveram periódicos diários e semanais como suporte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Ao Correr da Pena*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANGELIM, Daniel Morais. M. *Lima Barreto e a cidade do Rio*. In: ENGEL. Magali Gouveia... [et al.]. *Crônicas cariocas e ensino de história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. pp. 20-32

ARNT, Hérís. (2001) *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: E-papers. Disponível em:

<[http://books.google.com.br/books?id=o81d6qcqt6gC&printsec=frontcover&source=gs\\_v2\\_summary\\_r&cad=0](http://books.google.com.br/books?id=o81d6qcqt6gC&printsec=frontcover&source=gs_v2_summary_r&cad=0)> Acesso em: 25 jun. 2009.

AUGUSTI, Valéria. Mercado das letras, mercado dos homens. *Revista de História Regional*. 12 (2), pp. 93-121. Inverno, 2007.

Disponível em:

<[http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path\[\]=355&path\[\]=256](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path[]=355&path[]=256)> Acesso em: 01 set. 2009.

CÂNDIDO, Antônio. *A vida ao rés-do-chão*. In: CÂNDIDO, Antônio [et al.]. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte . Rio de Janeiro: Editora Itatiaia limitada, 1997.

FARIA, João Roberto. *O Rio de Janeiro em 1854 e 1855*. In: ALENCAR, J. *Ao Correr da Pena*; edição preparada por João Roberto Faria. . São Paulo: Martins Fontes, 2004. pp. XI-XXXIII.



\_\_\_\_\_. *Alencar: a semana em revista*. In: CÂNDIDO, A. [et al.]. *A Crônica: o gênero sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. pp. 301-316.

IGLÉSIAS, Francisco... [et al.]. *O Brasil monárquico*, V. 5: reações e transações. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MACHADO DE ASSIS. *Aquarelas*. In: MACHADO DE ASSIS. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V. III. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/machado/arquivos/html/cronica/mac15.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

MENEZES, Raimundo. de. *José de Alencar: literato e político [por] Raimundo de Menezes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Técnicos e Científicos, 1977.

MEYER, Marlyse. *Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica*. In: CÂNDIDO, Antônio... [et al.]. *A Crônica: o gênero sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. pp. 93-133.

ROANI, Gerson. Clio e Calíope em boa vizinhança . A narrativa na Literatura e na História. *MOARA*. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: Instituto de Letras e Comunicação/UFPA. n. 29, pp. 60-81, jan./jun., 2008.

Recebido em 19 de janeiro de 2013.

Aprovado em 23 de fevereiro de 2013.